

PORTUGUESES NA ORQUESTRA DE JOVENS DA UNIÃO EUROPEIA

Págs. 2 e 3



Alemanha
*Imagens
do (Ensino)
Português no
Estrangeiro*

Pág. 3

**Designer
finlandês
no Instituto
Camões**

Pág. 4

Luxemburgo
*'Diários
gráficos' de
Luís Ançã*

Pág. 4

**6ª Edição do
Prémio Luso-
-Brasileiro de
Dramaturgia
António José
da Silva**

Pág. 4

**São Tomé
e Príncipe**
*Concurso
Escrever
em Português*

Pág. 4

Tiago Santos: as portas que a orquestra abriu



■ Tiago Manuel dos Santos, violinista, 23 anos, toca com a OJUE desde 2009, ano em que foi selecionado para integrar o elenco de estreia da Orquestra Sinfónica Youtube, num concerto em Carnegie Hall. Concorreu à OJUE estimulado pelo seu professor de violino, Augusto Trindade, da Escola Superior de Artes Aplicadas de Castelo Branco, que o preparou para as provas «difíceis», como admite, com o apoio da professora Alexandra Trindade e das pianistas acompanhadoras Natália Riabova e Isolda Rubio.

Do balanço «muito positivo» que faz da sua participação na OJUE, que diz ter «um repertório ambicioso e variado», destaca «o contacto com músicos de diferentes países, fantásticos maestros e solistas» e a «oportunidade de tocar em grandes salas e em importantes festivais».

Sobre o ambiente na orquestra, afirma que «há entejada entre todos, sejam músicos, maestros, tutores ou o staff». «Todos estamos próximos com o objetivo de trabalharmos em conjunto», declara este jovem que, ao mesmo tempo concluiu o mestrado em performance – violino, é professor daquele instrumento na Academia de Música de Paços de Brandão e faz ainda parte das orquestras da Universidade da Extremadura (Cáceres, Espanha), Sinfónica da ESART, Clássica de Espinho, Camerata Nov'Arte e Orquestra de Câmara Portuguesa.

Luísa Seco O ponto alto



■ «Sinto uma evolução enorme desde que faço parte da OJUE», diz Luísa Seco (violinista), 22 anos, desde o verão de 2009 com a OJUE, a que concorreu pelo interesse que lhe despertou a sua antiga professora de violino, Evandra Gonçalves, ela própria tendo feito parte da orquestra, e um concerto da orquestra a que assistiu no Porto, em 2005.

«Tudo contribui imenso para a nossa formação enquanto instrumentistas de orquestra: os maestros, os solistas, os professores de naipe, os membros da OJUE, as salas de concerto onde tocamos» e o repertório, que esta jovem que estuda na Academia Nacional Superior de Orquestra, com o professor Aníbal Lima, classifica como «muito estimulante». «Tocamos grandes obras sinfónicas, o que nos desafia e nos leva a querermos fazer música juntos», explica Luísa Seco, que é ainda membro da Orquestra de Câmara Portuguesa e que colabora regularmente com a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Ao ouvi-la, parece que quase todos os momentos por que passou com a orquestra foram marcantes. Refere a sua primeira tour com a OJUE pela Europa central, no verão de 2009, onde tocou na Konzerthaus de Berlim e no Concertgebouw de Amsterdão, o maestro Gianandrea Noseda, que considera «um dos melhores maestros» com quem já trabalhou, o concerto da OJUE nos BBC Proms, no Royal Albert Hall de Londres, em agosto de 2010, o concerto em Xangai, em maio de 2010, por ocasião da Expo 2010. Mas o melhor ainda está pela frente: «acho que o ponto alto enquanto membro da OJUE será agora em abril de 2012, em que iremos em digressão aos Estados Unidos».

Preferências

■ Há três orquestras principais para jovens na Europa, a OJUE; a Orquestra Internacional Mahler, com sede em Berlim e dirigida por Claudio Abbado, e a Orquestra dos Jovens do Mediterrâneo, sediada em Marselha. A vantagem da OJUE, explica Dulce Brito, técnica da DG Artes, reside no facto de ser semioficial – foi alvo de uma decisão do Parlamento Europeu –, nela participarem todos os países da UE, mas, sobretudo, o ter «digressões mais atraentes e solistas e maestros mais reputados». Acresce que os professores que selecionam os jovens músicos «estão bem colocados ao nível das escolas europeias de música, sobretudo em Londres».

Os portugueses na Orquestra de Jovens da União Europeia

■ Nunca foi tão elevada a participação de músicos portugueses na Orquestra de Jovens da União Europeia (OJUE), por onde já terá passado mais de uma centena desde que Portugal entrou, em 1986, na Comunidade Económica Europeia.

O aumento das entradas «mos-tras que realmente o nosso nível está a melhorar bastante», refere Dulce Brito, da Direção-geral das Artes, entidade que, juntamente com o Instituto Camões, contribui para a orquestra com uma quota anual. Enquanto no passado «concorriam 2 ou 3 pessoas» agora são «centenas», acrescenta Dulce Brito. Num universo de 100/140 músicos, Portugal tem em média 5/6 participantes por ano, ao nível de países de maiores tradições musicais como Áustria, Holanda, Hungria, Dinamarca ou Bélgica. «Desde a sua fundação em 1976, pelo maestro Claudio Abbado, a orquestra goza de um prestígio admirável», afirma Abel Pereira (n. 1978), que desde 2001 faz parte do júri português das audições de pré-seleção e que foi membro da orquestra entre 94 e 2000. «A OJUE é considerada, pela crítica internacional, uma das melhores do mundo, pelo seu nível artístico, pelos maestros e solistas com quem trabalha e, evidentemente, pelos palcos que pisa. Era e continua a ser o sonho de qualquer jovem músico poder um dia fazer parte deste grupo», acrescenta este professor

em escolas superiores de música de Lisboa e do Porto, chefe de naipe da Orquestra Sinfónica do Porto e 1º Trompa convidado da Orquestra Filarmónica de Londres. Abel Pereira sublinha que «a participação dos jovens músicos portugueses numa orquestra deste género é da maior importância». E explica: «a estrutura OJUE funciona ao mais alto nível, com maestros e solistas que todos nós estamos habituados a ver e ouvir somente nos cd e dvd» e o contacto com estas individualidades, «para além da aprendizagem técnica/interpretativa e riqueza cultural, pode ser uma grande mais-valia na abertura de portas no futuro, tanto a nível académico como profissional», uma vez que, «por razões geográficas e culturais, Portugal está bastante afastado do centro da Europa», onde «a convivência com os mais conceituados músicos, maestros e orquestras é permanente». Na orquestra «é dada a oportunidade aos jovens de poder usufruir desse mundo durante algumas semanas por ano».

«SELEÇÃO NATURAL»

Não é fácil ser selecionado para a OJUE, que recorre a audições anuais, de novembro a fevereiro, em cada um dos 27 Estados. Embora muitos dos jovens selecionados toquem na orquestra 4/5 anos, a posição tem de ser 'defendida' todos os anos. Em Portugal, podem fazer audições os portugueses ou

estrangeiros residentes ou que cá estudem. E o mesmo se passa nos outros países, pelo que alguns portugueses foram selecionados noutro país, como o violoncelista António Novais, que estuda no Reino Unido, na Royal Academy. Mas antes de aí chegar, Dulce Brito fala de um processo de quase «seleção natural» no acesso à OJUE, devido à exigência feita aos jovens candidatos de, para além de uma peça de sua escolha, tocarem «excertos orquestrais obrigatórios» fixados previamente numa lista para cada um dos 24 instrumentos, excertos esses que, reconhece, «são bastante difíceis, muito difíceis mesmo».

No caso português, isso acontece na primeira de duas fases das audições. Um modelo que nem todos os países seguem. Na primeira fase, em fevereiro, são feitas audições, em Lisboa e Porto, perante um júri português, constituído presentemente por especialistas em sopros e percussão (o trompista Abel Pereira), cordas (o violinista António Figueiredo), pelo maestro Vasco Pearce de Azevedo, que preside ao júri, e um técnico da DG Artes (Dulce Brito). «O que tem de interessante o júri é que António Figueiredo e Abel Pereira também já fizeram parte desta orquestra e agora fazem parte do júri», destaca Dulce Brito. Segue-se então a audição final nacional, em Lisboa, com a presença de um representante da OJUE, do presidente do júri português e do técnico da DG Artes.

Abel Pereira reconhece que «o nível de exigência é sem dúvida muito elevado», porque está em causa selecionar «os melhores e mais talentosos jovens instrumentistas da União Europeia». Embora as provas tenham sofrido alterações ao longo dos anos a nível do repertório, «o processo de seleção mantém o mesmo modelo desde 1998, ou seja, os candidatos concorrem numa fase eliminatória a nível nacional e os



que passam à final irão competir diretamente com os concorrentes dos restantes países da UE», explica.

Se «o acréscimo de concorrentes [portugueses] tem sido notório nos últimos anos», a verdade é que «a sua qualidade tem também aumentado significativamente». «Cada vez mais é difícil a escolha dos candidatos a passarem à fase final», sublinha. «Na década de 90 as audições eram feitas em dois dias. Atualmente são precisos 2 dias em Lisboa e 2 dias no Porto para a fase eliminatória, para examinar cerca de 130 concorrentes, e mais 1 dia para a final» nacional.

MUDANÇA DE PERFIL

No controlo de seleção existem outras contingências, nomeadamente o repertório que a orquestra tem previsto tocar no ano. Há também uma clara preferência pelos mais jovens, com 14/15 anos, que muitas vezes – 1 ou 2 por país – são selecionados para a escola de verão da OJUE. E há também que ter em conta as «vagas» abertas por aqueles que atingem o limite de idade na orquestra. Para os membros da orquestra, o trabalho começa com o estágio de verão, que decorre em julho/agosto. Há ainda ensaios nas férias do Natal e da Páscoa. E seguem-se os concertos e as digressões.

Mais de metade dos jovens portugueses que se candidatam à orquestra são alunos de nível superior de escolas do norte do país. Mas há também jovens oriundos da Escola Superior de Artes Aplicadas (ESARTE) de Castelo Branco e de várias pequenas academias, consoante os instrumentos tocados, enumera Dulce Brito.

Mas o que possibilitou o maior sucesso das candidaturas portuguesas à OJUE nos últimos anos foram alterações no perfil dos candidatos, na explicação da técnica da DG Artes. A seleção para a orquestra está muito condicionada pelo instrumento que se toca. Os instrumentistas de cordas entram mais do que os outros. Ora, no passado, muitos dos jovens músicos portugueses começavam a sua aprendizagem pelas bandas e filarmónicas, onde predominam os metais. Hoje em dia, para além de haver mais jovens a aprender a tocar um instrumento, muitos já começam a sua formação em escolas de música, podendo optar por outros instrumentos. Em paralelo, o investimento feito na contratação de professores de música do leste europeu, nomeadamente russos e ucranianos, aumentou o nível técnico dos executantes.

«Tem sido realmente enriquecedor poder admirar de uma forma geral a evolução artística dos participantes e o súbito acréscimo de novos estudantes de música que se fez sentir nos últimos anos», afirma Abel Pereira.

Mas estas mudanças não bastariam, provavelmente, se não fosse o empenho direto de muitos professores e, obviamente... dos próprios jovens.

Digressão pelos Estados Unidos

«Os resultados das audições para a temporada de 2012/2013 da Orquestra de Jovens da União Europeia serão divulgados a 27 de abril, dois dias depois de terminar a digressão que a mais importante orquestra juvenil europeia realiza pelos Estados Unidos, a partir de 10 de abril, tocando com alguns dos mais conceituados solistas de música erudita da atualidade.

A digressão da orquestra – que tem a sua base em Londres e que é dirigida desde 2000 pelo maestro russo Vladimir Askhenazy – vai fazê-la passar pela Universidade da Carolina do Norte, em Chapel Hill, pelo Kennedy Center, em Washington, onde tocará com o violinista Pinchas Zukerman, pelo auditório Stern, em Nova Iorque, acompanhando o violinista e maestro Itzhak Perlman, pelo Symphony Hall, em Boston, sendo solista o pianista Yefim Bronfman, com quem terminará o *tour* pelo Novo Mundo na Northwestern University, em Evanston, Illinois, não sem antes a orquestra dar ainda um concerto no auditório da Universidade de Indiana, em Bloomington.

Da orquestra que vai a esta digressão pelos EUA – em cuja lista de patrocinadores e apoiantes da *tour* figura o Instituto Camões –, fazem parte como membros 6 músicos portugueses, selecionados durante as audições de 2010/2011 de entre os cerca de 200 jovens portugueses que se candidataram a esta orquestra. São eles Tiago Santos (violino), Luísa Seco (violino), Joana Nunes (viola), António Novais (violoncelo), Vera Sá Pereira (contrabaixo) e João Seara (contrabaixo).

Outros 13 músicos portugueses foram também selecionados no ano passado para as reservas da orquestra, que reúne instrumentistas entre os 14 e os 24 anos de idade de todos os 27 estados membros da UE.

Portugueses na OJUE

Temporada	Membros plenos	Reservas
2011/12	6	13
2010/11	6	9
2009/10	4	11
2008/09	5	8
2007/08	2	11
2006/07	2	7
2005/06	2	11
2004/05	2	8
2003/04	3	11

Fonte: OJUE

Alemanha Imagens do (Ensino) Português no Estrangeiro

«As representações que os alunos de origem portuguesa do ensino primário no estrangeiro (inscritos em aulas de língua portuguesa) têm de si próprios em relação ao seu multilinguismo são o cerne dos primeiros resultados divulgados de um estudo em curso no âmbito da rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE).

Comunicações preliminares sobre o estudo, na parte que toca à Alemanha, tiveram lugar, em março, no 34º Encontro da Sociedade Alemã de Linguística, em Frankfurt, e num *webinar* (seminário na *web*) no quadro da 'Comunidade Prática de Português Língua Estrangeira/Língua Segunda' do Centro Virtual Camões.

O estudo está a ser realizado no âmbito do projeto *Imagens do (Ensino) Português no Estrangeiro*, uma iniciativa da Coordenação do Ensino Português na Alemanha, dirigida por Sílvia Melo-Pfeifer, com a colaboração da Coordenação do Ensino Português do Reino Unido e o apoio do Instituto Camões.

Os resultados preliminares do estudo, que analisa desenhos das crianças lusodescendentes recolhidos por docentes no terreno, ilustram as diferentes configurações dos repertórios plurilingues dos alunos da rede de Ensino Português na Alemanha entre os 6 e os 12 anos, segundo Sílvia Melo-Pfeifer, autora das primeiras conclusões em parceria com Alexandra Schmidt, coordenadora adjunta.

ESTEREOTIPIAS

A análise dos desenhos permitiu concluir que as crianças lusodescendentes «possuem uma imagem algo estereotipada de Portugal e da Língua Portuguesa, a que associam praia, férias e família» e que «esta estereotipia também afeta a língua e o país de acolhimento – a Alemanha», revelou Sílvia Melo-Pfeifer, investigadora do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro.

É ainda registada a «tendência para associar o nome da língua a um só país e a uma bandeira», estando «pouco presentes» a diversidade intralinguística e as variedades, embora a «diversidade linguística e intercultural» seja «constante», traduzida em «referências (bandeiras, palavras e símbolos)» a outras línguas e países, coincidentes com comunidades estrangeiras residentes na Alemanha. «O que mostra que as crianças têm consciência da diversidade linguística e cultural à sua volta».

O português «é, mais do que as

outras línguas – nomeadamente, a língua nacional (o alemão) e as línguas estrangeiras escolares (sobre tudo o inglês e o francês) – a língua com maior carga socioafetiva» para estas crianças, que, aliás, «desenham situações comunicativas, geralmente felizes, de socialização ou de aquisição linguística».

Assim, no dizer da investigadora, «a criança que os professores portugueses têm na sua sala de aula é um aluno que se representa, na maioria das vezes, como bi- e plurilingue, à vontade no mundo das suas línguas». Os desenhos, acrescenta, «dão-nos sinais de integração e mostram-nos o fermento de uma cidadania plural, colorida e atenta à ecologia linguística».

«Estes resultados poderão interpelar os docentes a pensar em currículos em Português atentos à diversidade



A. S. / 9 ANOS / ESTUGARDA

linguística e cultural dos alunos, ao seu ambiente multilingue e multicultural», considera a investigadora, que apresenta um conjunto de recomendações de teor pedagógico.

QUESTIONÁRIOS E DESENHOS

O projeto *Imagens...* visa «conhecer representações dos diferentes atores (professores e leitores, aprendentes, pais e encarregados de educação, ...) e públicos do processo de ensino-aprendizagem do Português em diferentes contextos (ensino integrado, ensino paralelo, cursos livres, opcionais ou integrados no currículo académico, ...)», relativamente a um conjunto de parâmetros, estabelecendo as «constantes e as variações» das imagens (do ensino) do português e possibilitando a criação de «percursos formativos para professores e leitores orientados para a atuação pedagógico-didática, que parta das suas representações e das dos seus públicos».

Os desenhos das crianças – cerca

de um milhar recolhidos, em resposta à instrução 'desenha-te a falar as línguas que conheces' – corresponsabilizam a obtenção de uma parte dos dados para o 1º dos três objetivos em que o projeto foi escalonado, ou seja, «conhecer as representações dos diferentes atores acerca do Português». Para tal, foram lançados ainda questionários em linha, «com uma parte específica (relacionada com a caracterização sociolinguística dos diferentes atores e públicos) e uma parte comum (relacionada com o diagnóstico das imagens)», com vista à caracterização dos restantes públicos-alvos deste projeto. No «objetivo 2» do estudo vai proceder-se ao «cruzamento das respostas da parte específica e da parte comum do questionário» a que se juntará «uma análise quantitativa prévia a uma análise qualitativa e mais compreensiva dos fenómenos observados». Por último, no «objetivo 3», «relacionado com a criação de percursos formativos, criar-se-á um protótipo de formação».

«LUBRIFICANTE COMUNICACIONAL»

O estudo parte da tese de que as imagens, enquanto representações e «muletas cognitivas» – sem as quais «teríamos que estar sempre a descrever tudo e todos» – são um «lubrificante» comunicacional e têm um «lugar central» na forma como as línguas são encaradas pelos alunos, no ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras, da língua materna ou da «língua de herança». Nesse sentido, é importante saber o que é que os alunos pensam daquilo que estão a aprender e da forma como estão a aprender, «para que fatores como empenho, motivação e atitudes positivas sejam potenciados, contribuindo para o seu sucesso educativo», indicou Sílvia Melo-Pfeifer.

Por outro lado, o conhecimento por parte dos professores das imagens/representações dos seus «públicos» quanto à língua que ensinam permite «reequacionar as suas estratégias de ensino» e os materiais escolares, «reavaliar os seus discursos em sala de aula» e «ponderar novos caminhos e novos currículos em línguas». As imagens «devem ser diagnosticadas, analisadas e discutidas para se perceber se estão a funcionar como obstáculos à aprendizagem (justificando mesmo o abandono escolar) e à comunicação com os interlocutores dessa língua».

Isto porque, no dizer da investigadora portuguesa, vários estudos apontam para «a tendência dos contextos escolares desenvolverem imagens estereotipadas acerca das línguas e dos seus falantes». A investigadora dá como exemplos daqueles estudos a restrição que é feita do valor da língua a «objetos escolares», ignorando o seu «valor social», ético e estético, e a «tendência para o desenvolvimento de imagens negativas relativamente às minorias, sejam elas religiosas, linguísticas ou culturais».

Camões, Instituto da Cooperação e da Língua já tem presidente

¶ Ana Paula Laborinho foi designada presidente do Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, instituição que resulta da fusão entre o Instituto Camões e o Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, e cuja lei orgânica foi já publicada no dia 30 de janeiro de 2012. Recorde-se que Ana Paula Laborinho, há muitos anos ligada à promoção da língua e da cultura portuguesas no mundo, está, desde 2010, à frente do recentemente extinto Instituto Camões.

6ª Edição do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva

¶ Até 14 de abril decorre o prazo para a apresentação de textos de candidatos de nacionalidade portuguesa ao Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva, uma iniciativa do Instituto Camões e da FUNARTE (Fundação Nacional da Arte - Brasil).

O Prémio, que tem como objetivo impulsionar a escrita dramática em todos os géneros e reforçar as parcerias de desenvolvimento e cooperação cultural entre Portugal e o Brasil, compreende a atribuição de um valor monetário – €15,000,00 – e a edição do texto em Portugal e no Brasil.

A 1ª Edição do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva teve como vencedora a peça A minha mulher, da autoria do português José Maria Vieira Mendes. A 2ª Edição foi ganha pelo texto The Cachorro Manco Shaw, do brasileiro Fábio Luís Mendes. A peça vencedora da 3ª Edição foi Jardim Suspenso, do português Abel Neves, a 4ª Edição teve como vencedor o brasileiro Marco Catalão, com a peça Agro-Negócio, e a 5ª Edição teve como vencedor o português Luís Mário Lopes, com a peça Vizinhaça.

Para mais informações consultar o regulamento em www.instituto-camoes.pt.

São Tomé e Príncipe Concurso literário Escrever em Português



¶ São Tomé e Príncipe vai ter este ano um concurso literário, intitulado 'Escrever em Português 2012', numa iniciativa de entidades daquele país insular africano de língua portuguesa, do Brasil e de Portugal.

O concurso, promovido pelo Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões (CLP/IC), em parceria com o Departamento de Língua

Portuguesa do Instituto Superior Politécnico de São Tomé e Príncipe (ISPSTP), o Centro Cultural Brasil-São Tomé e Príncipe e a União Nacional dos Escritores e Artistas de São Tomé e Príncipe, tem como objetivo «fomentar a escrita em língua portuguesa, nas modalidades de poesia e prosa (conto)».

A divulgação dos textos premiados terá lugar a 1 de junho e a cerimónia de entrega dos prémios a 8 de junho, no auditório do ISPSTP.

O regulamento prevê que a entrega dos textos concorrentes, de «tema livre», «inéditos e originais», num máximo por autor de três trabalhos na modalidade de poesia e de um trabalho na modalidade de prosa (conto), tenha lugar até 27 de abril, no CLP/IC, no ISPSTP.

O júri será constituído por quatro elementos, representando as quatro entidades promotoras do concurso.

O valor do 1º prémio é de 1 milhão de dobras, o do segundo é de 800 mil dobras e o do terceiro de 600 mil dobras.

França O Cônsul de Bordéus estreou no festival de Villeurbanne

¶ O Cônsul de Bordéus, de Francisco Manso e João Corrêa, estreou a 19 de março em França na 28ª edição do festival 'Reflexos do cinema ibérico e latino-americano' de Villeurbanne (14 a 28 de março), onde também passou O Estranho Caso de Angélica, de Manoel de Oliveira.

Ponto de encontro obrigatório do cinema ibérico e latino-americano na região, o festival tem contribuído para divulgar o cinema português, trazendo a Villeurbanne inúmeras criações cinematográficas portuguesas de qualidade.

A projeção de O Cônsul de Bordéus foi seguida de um encontro com o realizador João Correia, o produtor executivo Jean-Pierre Berckmans e o produtor e compositor Henri Seroka, que participaram num debate com o público, numa iniciativa que contou com o apoio do Consulado-Geral de Portugal em Lyon, e do CLP/Camões, na Universidade Lyon 2.

Designer finlandês no Instituto Camões



LUPICE - THEATRY LOREZ, MARKKU PIRI

¶ A exposição *O Espírito do Paraíso*, que está patente no Instituto Camões até 24 de abril, vai a meio de um périplo que começou em Madrid no final de 2011, passou por Barcelona, e que, depois de Lisboa, será acolhida em Berlim e, mais tarde, em Washington.

A exposição apresenta as obras mais recentes do artista finlandês Markku Piri, (n. 1955), com mais de 30 anos de carreira no *design* e no que designa como «desenho interartístico», movendo-se de um material para outro, com enfoque nos tecidos e no vidro artístico.

Luxemburgo 'Diários gráficos' de Luís Ançã

¶ *Sketching Alentejo* é o título da exposição de desenhos de Luís Ançã que poderá ser vista até 19 de abril no Centro Cultural Português/ Instituto Camões do Luxemburgo.

O trabalho de Luís Ançã (n. 1955) insere-se no movimento internacional dos *urban sketchers*, cujas obras são muitas vezes referidas em português como 'diários gráficos', o que no caso da exposição do artista plástico português se parece aplicar com mais propriedade, porque os desenhos em exibição não mostram as imagens que habitualmente associamos a meios urbanos, mas os ambientes rurais que caracterizam o Alentejo profundo.

Ançã faz parte dos *Urban Sketchers Portugal*, um coletivo de autores portugueses, que se descreve a si próprio como desenhando «em diários gráficos as cidades onde vivem, os sítios por onde viajam», em sintonia com os mandamentos (oito, ao todo) dos *urban sketchers* transcritos no sítio do coletivo. Esses mandamentos convocam para desenhar «*in situ*, no interior e no



Mercado de Estremoz, 2012

exterior, registando diretamente» o que é observado e para ser fiel às cenas presenciadas, independentemente da técnica e do estilo individual. Daí o caráter de «instantâneo desenhado» que é apanágio das obras dos *urban sketchers*, a que não fogem os desenhos deste Professor de Educação Visual/ Artes Visuais desde 1978.

O artista plástico, com uma licenciatura em Artes Plásticas/ Pintura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, em 1980, colabora desde 2009 com os *Urban Sketchers Portugal*, tendo participado nas ex-

A exposição oferece uma mostra representativa das obras atuais do artista, do seu mundo de *design* e de cor, como também das bases do seu trabalho e das suas fontes de inspiração. Estão expostos os tecidos que criou nos últimos anos e objetos de vidro colorido.

A obra de Markku Piri pretende, segundo a sua intenção declarada, «capturar a beleza do mundo e a alegria de viver e, acima de tudo, trazer a estética para a vida quotidiana». Reivindicando-se como um «observador atento e sensível das formas e da cor», tanto em ambiente urbano como natural, Markku Piri declara-se fascinado pelos pormenores que para muitos passam despercebidos, pormenores esses que procura fixar em fotografias que estão expostas.

Dominando os grandes planos de desenho, afirma-se igualmente como «um mestre de precisão no detalhe» e na sua linguagem de *design* «coexistem as linhas generosas do tipo barroco e a simplicidade das linhas gráficas e geométricas».

«O trabalho sobre a cor é outra das características fundamentais da sua obra», diz uma nota. Ao longo de 30 anos, o artista usou uma grande variedade de diferentes tons de azul. Existe contudo um tom que sobressai dos demais: o 'azul Piri', onde predomina o azul-cobalto.

Da cor para o som, Markku Piri rubrica ainda «inúmeros projetos relacionados com a música», que são «testemunho do seu amor pelo jazz e pela música clássica».

posições coletivas de Lagos (2009), Torres Vedras (2010), Almada (2011) Lisboa (2011) e na do II International Urban Sketching Symposium (2011), na Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Num texto de Ana Paula Amendoieira, Presidente da Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), inserido no catálogo da exposição, afirma-se que nos desenhos de Luís Ançã, que diz serem «pequenas crónicas (visuais)», está «tudo o que é essencial no Alentejo», as cidades, as praças, as pedras megalíticas, os mercados, as ermidas, a mancha do porco e «a terra de largos horizontes», em consonância com a «grandeza do Alentejo».



Instituto Camões
Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato